

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho

O trabalho no sec. XXI: mudanças, impactos e perspectivas

GT 03 - Gênero, trabalho, profissões e políticas sociais na América Latina, na atualidade: o que nos aproxima e o que nos distancia?

Serviços domésticos e costura em confecção:
precarização, arranjos e políticas públicas

Jordão Horta Nunes – Doutor – UFG

Neville Julio de Vilasboas e Santos – Doutorando – PPGS-UFG

Jaqueline P. de Oliveira Vilasboas – Doutoranda – PPGCS - Unicamp

São Paulo, julho de 2013

Serviços domésticos e costura em confecção: precarização, arranjos e políticas públicas

NUNES, J.H.; SANTOS, N.J.V. ; VILASBOAS, J.P.O.

O objetivo é analisar o trabalho em duas ocupações que figuram entre as mais frequentes no Brasil contemporâneo e especificamente no estado de Goiás: trabalhador(a) doméstico(a) e operador(a) de máquina de costura. Extensões de atividades reprodutivas, desempenhadas na esfera doméstica, essas ocupações experimentam não só novas formas de organização, de contratação e de associativismo sindical ou cooperativista, mas também originam formas identitárias híbridas, novos arranjos domésticos ou produtivos, além de programas sociais destinados a diminuir a precarização e a informalidade que geralmente as caracterizam. A metodologia que orienta a análise recorre a bases de dados governamentais para determinar o perfil social dos(as) trabalhadoras(es) e a entrevistas semiestruturadas em Goiânia-GO e no APL de confecção de Jaraguá-GO. Há um foco epistemológico na associação entre gênero, raça/cor e classe/posição social na análise das ocupações, com destaque para a tensão entre o trabalho reprodutivo na esfera doméstica o trabalho produtivo externo, bem como aos arranjos domésticos e estratégias de conciliação correlatos.

Dentre as ocupações mais frequentes no Brasil contemporâneo ainda desponta o trabalho doméstico, sem dúvida a atividade laboral mais desempenhada pelas mulheres no país. Ainda que possamos considerar que as identidades laborais estejam em crise na sociedade pós-industrial, é inegável que o número de 5.522.091 pessoas ocupadas no trabalho doméstico, das quais 93% são mulheres, indicando o terceiro lugar entre as ocupações mais frequentes, sendo que o primeiro cabe a vendedores(as) e o segundo a trabalhadores(as) agrícolas, diz muito sobre o Brasil. A proeminência do trabalho doméstico se evidencia em quase todo o país, bem como o caso de vendedores(as), ainda que o trabalho no campo ceda lugar a outras ocupações em diversos estados, como é o caso de Goiás, Pernambuco e Ceará, onde outra ocupação com origem nas atividades reprodutivas da vida (cozinhar, passar, lavar, limpar etc.) emerge entre as primeiras: operador(a) de máquina de costura, na verdade um agrupamento de diversas ocupações do trabalho no setor de confecções (caseadeira, cerzideira, fazedor(a) de bainhas etc.) que se efetiva no âmbito domiciliar, em oficinas improvisadas, ou ainda em facções localizadas em galpões ou garagens adaptadas: no Ceará essa ocupação aparece em sexto lugar com 115.904 trabalhadores ativos, em Pernambuco em sétimo lugar com 105.307 ativos e em Goiás em sexto lugar, com 96.687 trabalhadores(as) (3,1% dos trabalhadores ativos em 2011, a maior porcentagem relativa entre os três estados comparados, em que a indústria de confecções apresenta importância econômica considerável).

Embora sejam exercidas no mesmo ambiente doméstico, as atividades de costura doméstica como cerzir, bordar etc. diferem muito das atividades da costura externa industrial. O objetivo aqui é comparar essas duas atividades ocupacionais exercidas no âmbito doméstico no estado de Goiás, sob as perspectivas dos estudos de trabalho, gênero e raça. Desenvolve-se, numa primeira etapa, uma análise quantitativa de bases de microdados governamentais, como as do Censo e da PNAD. Os resultados obtidos são cotejados com a produção sociológica recente produzida sobre o trabalho doméstico e o trabalho em confecções, sobretudo em Goiânia e no estado de Goiás (e.g., JORDÃO, 2008; CAMPOS, NUNES, 2006; SANTOS, 2010; NORONHA, TURCHI, 2007). Argumenta-se que, ainda que se constate uma tensão ou mesmo contradição entre o trabalho doméstico reprodutivo, não remunerado e a exploração de mulheres e crianças em âmbito familiar na costura externa, ponta precarizada da cadeia produtiva de confecções, a prática é respaldada por um sutil jogo de representações sociais modernas e tradicionais do trabalho domiciliar e do trabalho reprodutivo, estrategicamente

empregada em situações e perspectivas diferentes, como na construção de arranjos domésticos de gênero, no âmbito de empresas demandantes de serviços e até no campo do associativismo ou de programas sociais. Por outro lado, as formas de contratação, tipos de jornada e até as representações sobre o trabalho doméstico remunerado ou sob troca de favores também se alterado substancialmente, assim como a própria cultura do trabalho correspondente, inclusive alimentadas e até constituídas pela produção cultural e midiática sob diversas formas.

Objeto: O trabalho nas ocupações de trabalhador(a) doméstico(a) e operador(a) de máquina de costura no Brasil, em Goiás e no Arranjo Produtivo Local de Confecção de Jaraguá-GO.

Objetivo Geral: analisar a organização e as relações do trabalho nas ocupações de trabalhador(a) doméstico(a) e operador(a) de máquina de costura, os arranjos domésticos e os programas sociais correlatos no Brasil, com destaque em Goiás e Jaraguá.

Objetivos específicos: Analisar: questões de trabalho e gênero relacionadas às duas ocupações; formas identitárias (Cf. DUBAR, 2006) laborais, simbólicas e sexuadas correlatas; os arranjos domésticos, programas sociais e o arranjo produtivo local instituídos para diminuir a precariedade e a informalidade que vigoram nos dois setores de trabalho; as questões de gênero e classe envolvidas.

Metodologia: Análise quantitativa de bases de dados governamentais como a PNAD e o Censo, articulada com estratégias qualitativas, como aplicação e análise de entrevistas semiestruturadas, empregando análise de conteúdo (Cf. BARDIN, 1977) e a hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 1995).

Resultados

Na literatura sociológica, há um debate em torno do status do trabalho doméstico remunerado, desde a década de 1970, que pode ser melhor compreendido a partir das diferenças analíticas. Partindo de um paradigma marxista, Saffioti (1978) analisa a questão a partir de dois referenciais: o exército industrial de reserva e a articulação do modo de produção capitalista com formas de trabalho não capitalistas. Na sua visão, a trabalhadora doméstica – recrutada frequentemente no exército industrial de reserva –

não executaria tarefas capitalistas porque sua atividade é realizada dentro do espaço doméstico da família. Mas, embora não capitalistas, as tarefas da trabalhadora doméstica tornariam possível a reprodução da força de trabalho. O trabalho doméstico remunerado, segundo esse argumento, nasce com o capitalismo, mas não constitui uma forma capitalista de trabalho, pois é remunerada com renda pessoal e não com capital, e não produz o que se chama de “mercadoria”, no sentido marxiano, não produzindo, assim, mais-valia. Contudo, esse tipo de trabalho permite sua reprodução. Assim, a relação entre empregador e trabalhadora doméstica não seria racional ou impessoalmente capitalista, mas afetiva e paternalista.

No início da década de 1990, a perspectiva marxista foi substituída por uma abordagem mais preocupada com questões relativas à identidade e representação da trabalhadora doméstica, com vistas à denunciar sua exclusão e refletir sobre as possibilidades de conquista e exercício da cidadania. De acordo com Nunes (1993), houve uma transformação na imagem da doméstica ao longo dos últimos cem anos: escrava, criada, cria, empregada, secretária, entre outras. A partir dessa constatação, ela questiona quais transformações de identidade significam essas mudanças de nome e se haveria uma real mudança quanto à mentalidade, ou a mudança semântica significaria somente uma busca de eufemismos para mascarar o conflito. O status de cidadania é negado à trabalhadora doméstica, pois quando se fala dessa, não se trata apenas de competências técnicas: o saber da doméstica é colocado como “dever” das mulheres.

Na segunda metade da década de 1990, as pesquisas focalizaram também a identidade da trabalhadora doméstica, mas na sua vinculação com questões de diferença, a partir de estudos etnográficos mais alinhados à abordagem antropológica. Tanto Kofes (2001) como Brites (2000) procuram compreender como diferenças e, a partir delas, desigualdades surgem na relação entre mulheres – as patroas e as trabalhadoras domésticas – no ambiente doméstico, considerando as múltiplas dimensões dessa relação.

Os estudos acerca de identidade e diferença foram complementados, nos anos 2000, por pesquisas preocupadas com a organização social e política das trabalhadoras domésticas, como a pesquisa de Bernardino-Costa (2007) acerca do Sindicato Nacional das Trabalhadoras Domésticas no Brasil e sua difícil luta no combate ao preconceito e à discriminação contra as trabalhadoras domésticas, mas também pesquisas com o intuito de denunciar as condições precárias de atuação dessas mulheres e o déficit de reconhecimento da sua atividade laboral. As múltiplas pesquisas efetuadas em diversos

lugares por diferentes pesquisadores sobre os ausílios da Organização Internacional do Trabalho apontam o trabalho doméstico uma das ocupações mais afetadas pela precarização e desvalorização social, colocando-o na agenda do trabalho decente para o século XXI. Apesar das iniciativas governamentais que, sob o estímulo da OIT, se proliferam em diversos países no mundo, na América Latina e no Caribe o trabalho doméstico ainda mantém as características descritas por Chaney & Garcia Castro (1989), que podem ser resumidas em quatro atributos: a) o trabalho doméstico remunerado é, em todo lugar, uma atividade desvalorizada e depreciada; b) trabalhadoras domésticas são recrutadas em geral entre mulheres pobres, com baixíssimos níveis de escolaridade, que migram de cidades ou províncias menores para os grandes centros; c) trabalhadoras domésticas geralmente trabalham sozinhas ou com no máximo um ou dois trabalhadores domésticos. Por isso, dificilmente se organizam politicamente em sindicatos, ocupam praças, lugares públicos, espaços e tempos comuns; d) ainda hoje a trabalhadora doméstica não é coberta inteiramente pela legislação básica válida para qualquer outro trabalhador formal.

O setor de confecção no arranjo produtivo local de Jaraguá - GO

As indústrias de confecção configuram-se como um dos segmentos industriais mais disseminados no mundo, e é uma importante fonte de geração de renda e emprego em muitos países, sobretudo aqueles em processo de desenvolvimento. A indústria de confecção caracteriza-se, de um modo geral, por processos com pouca ou nenhuma inovação tecnológica, alta rotatividade, predominância de baixos níveis salariais e trabalhadores com pouca escolaridade (ABREU, SORJ, 1993).

Tal constatação pode ser verificada no setor de confecção da cidade de Jaraguá situada a 107 km da capital do Estado de Goiás, Goiânia, que abriga um dinâmico polo de confecção, caracterizado por uma aglomeração produtiva especializada no setor de confecção com regime tecnológico de baixa complexidade e relações de trabalho marcadas pela informalidade (CASTRO, 2004). No entanto, diferente da tendência encontrada em outras regiões do país com tradição no setor, a especialização da atividade em Jaraguá propiciou a formação de um Arranjo Produtivo Local, cujas principais características são a proximidade geográfica entre empresas e instituições de natureza diversas, que estabelecem vínculos e articulações entre si, cujo resultado é a emergência de processos de cooperação e aprendizagem.

De acordo com estudo realizado pelo SEBRAE (2003), o índice de concentração de atividades por setor, conhecido como coeficiente locacional (QL), para o Estado de Goiás, aponta em Jaraguá uma das mais altas taxas de especialização da atividade de confecções no Estado. O setor é a principal fonte de emprego na cidade e responsável por boa parte do seu desenvolvimento econômico e se configura como um potencial estimulador do desenvolvimento local

Vale a pena sublinhar também que a utilização do trabalho domiciliar - que envolve todos os membros familiares, inclusive crianças e adolescentes - é característica peculiar da estruturação do setor e ocorre como uma alternativa para flexibilizar a produção, reduzir custos e responder a picos de demanda, o que vem sendo apontado na literatura como uma tendência geral deste segmento no Brasil e em outros países da América Latina (SPINDEL, 1983). As práticas de trabalho a domicílio são caracterizadas pelo trabalho em tempo parcial e remuneração por peça e longas jornadas de trabalho (NUNES e CAMPOS, 2006; ARAÚJO e AMORIM 2002; LEITE, 2004; SPINDEL, 1983, SILVA, 1991).

No que diz respeito às representações de gênero, existe em Jaraguá uma peculiaridade que contraria a tendência nacional e regional para o setor: o significativo envolvimento de homens com a atividade de confecção seja pelas possibilidades de rendimento que a atividade oferece ou simplesmente pela falta de oportunidades de trabalho em outros setores. No entanto, algumas continuidades são observadas: mesmo trabalhando no domicílio, os homens não colaboram com as atividades domésticas e mesmo tendo uma participação importante na atividade de costura não se identificam diretamente com a mesma, cuja responsabilidade é sempre atribuída à mulher.

Além disso, este tipo de atividade faz convergir duas esferas importantes da vida social: o espaço da casa e o espaço do trabalho. Separadas durante o período da Revolução Industrial, estas duas dimensões, ressurgem e são parte importante do processo de flexibilização da produção.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alice de Paiva; SORJ, Bila. Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras externas do Rio de Janeiro. In: ABREU, Alice de Paiva; SORJ, Bila (Org.). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993. p. 49-61.

ABREU, Alice Rangel de Paiva; SORJ, Bila. Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras externas no Rio de Janeiro. In: ABREU, A.R.P.; SORJ, B. (Orgs). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993a, p. 43-61.

ARAÚJO, Ângela M. Carneiro; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.17/18, p. 267-310, 2001/2002.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *Sindicato das trabalhadoras domésticas no Brasil: teorias da descolonização e saberes subalternos*. (Tese de doutorado), Brasília, UnB, 2007.

BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cadernos Pagu*, n. 29, p. 91-109, jul-dez, 2007.

BRITES, Jurema. Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico. (Tese de Doutorado). Porto Alegre, UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2000.

CAMPOS, Andréia Ferreira; NUNES, Jordão Horta. O setor de confecção em Goiânia: análise da relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, p. 237-255, 2006.

CASTRO, Sérgio Duarte. O arranjo produtivo de confecções da região de Jaraguá-Go. *Relatório de atividades da Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais*. UFRJ. Instituto de Economia. Março, 2004^a. Disponível em <www.ie.ufrj.br/redesist>.

CHANEY, Elsa; GARCIA CASTRO, Mary. Introduction: A new Field for research and action. In: _____. (Orgs) *Muchachas no more: household workers in Latin America and the caribbean*. Philadelphia, Temple University Press, 1989.

DUBAR, Claude. *A crise das identidades*. A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.

KOFES, Suely. *Mulher Mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre empregadas domésticas e patroas*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

LEITE, Márcia. Tecendo a precarização: trabalho a domicilio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo. In: *Trabalho, educação e saúde*. Fiocruz, Rio de Janeiro: V.2, n.1, p-239-265, 2004. Disponível em: www.revista.epsjv.fiocruz.br/

NORONHA, Eduardo G.; TURCHI, Lenita. O pulo do gato da pequena indústria precária. *Tempo Social*, São Paulo, p. 249-280.

NUNES, Cristiane Girard F. Identidade e cultura: reflexões sobre uma categoria sócio-profissional. In: NUNES, Brasilmar Ferreira et al. Brasília: a construção do cotidiano. Brasília, Paralelo 15, 1997, p.179-206.

NUNES, Jordão H.; CAMPOS, Andréia F. O setor de confecção em Goiânia: análise da relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar. *Sociedade e Cultura*, V. 9, N. 2, JUL./DEZ. 2006, P. 237-255

OIT. *O trabalho doméstico remunerado na América Latina*. Notas da OIT, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Emprego Doméstico e Capitalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

SANTOS, Neville Julio de Vilasboas e. *Desigualdade e identidade no serviço doméstico: intersecções entre classe, raça e gênero*. 2010. Dissertação – Mestrado em Sociologia. FCS/UFG, Goiânia.

SEBRAE. *Mapeamento das aglomerações produtivas especializadas de Goiás: identificação e caracterização de APL potenciais do Estado de Goiás*. Goiânia: Sebrae, 2003.

SILVA, Eliane M. Operárias da agulha. *Revista de História*, Campinas, IFCH/UNICAMP, n.2/3, p. 217-237, 1991.

SPINDEL, Cheywa. “O ‘uso’ do trabalho da mulher na indústria do vestuário”. In: Carmen Barroso & Albertina de Oliveira Costa (orgs.) *Mulher, mulheres*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1983.

THOMPSON, John B. A metodologia da interpretação. In: _____. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995